



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

SUJEITO GRAMATICAL: O LUGAR DO AGENTE, DO PACIENTE E DO TÓPICO

Autores: LUDMILA SILVA SOUZA, MARIA CRISTINA RUAS DE ABREU MAIA

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão acerca das concepções de sujeito gramatical disponíveis na gramática brasileira normativa (CEGALLA, 1997), contrapondo as prescrições desse gramático às reflexões da pesquisadora e linguista Eunice Pontes sobre a noção de sujeito e de tópico do discurso. O nosso intento é mostrar que determinadas definições normativas, como as que apresentaremos, defendem que o sujeito se assemelha ao tópico do discurso. Assim, partimos de duas obras de referência “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa” (CEGALLA, 1997) e “Sujeito: da sintaxe ao discurso” (PONTES, 1986).

De início, partimos de Cegalla (1997), para quem, o sujeito é compreendido como o ser do qual se diz alguma coisa, podendo ser constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada, conforme se vê nos seguintes exemplos:

- 1 “O **sino** era grande”. (CEGALLA, 1997, p. 295).
- 2 “**Ela** tem uma educação fina”. (CEGALLA, 1997, p. 295).
- 3 “**Vossa Excelência** agiu com imparcialidade”. (CEGALLA, 1997, p. 295).
- 4 “**Isto** não me agrada”. (CEGALLA, 1997, p. 295).

Nos exemplos acima, percebemos que o termo em destaque de cada oração (1, 2, 3 e 4) exerce a função sintática de sujeito, sendo representado, na sequência, **pelo substantivo, por pronome pessoal, pronome de tratamento e pronome indefinido**, estabelecendo, cada um, concordância com o verbo. Então, é possível afirmar que o sujeito da oração é o termo da oração que concorda com o verbo. Para o gramático, a identificação do sujeito em uma oração deve ser feita considerando o ser de quem se diz alguma coisa. O problema é que em determinadas sentenças da língua nem sempre o termo de quem se diz alguma coisa é o sujeito, como em:

5 **A Jane, o cabelo** está crescendo.

Veja que, nessa sentença, se diz algo de *Jane*, que é um SN (Sintagma Nominal) em perfeitas condições de atuar como sujeito, mas não o é, já que temos um outro SN (Sintagma Nominal) que é “o cabelo” que é o sujeito expresso do predicado “está crescendo”. É ele quem está crescendo. A esse respeito, Pontes (1986), assevera que o sujeito não se trata somente de um termo da oração marcado pela presença de um substantivo ou pronome em estado de concordância com o verbo. Conforme vimos, tanto o termo “A Jane” quanto “o cabelo” estabelecem traços de concordância com o predicado “está crescendo”, mas na análise transformacional o constituinte tópico encaixa-se em uma transformação em movimento, o que equivale a

6. **O cabelo da Jane** está crescendo.

Em, temos uma estrutura básica em que o termo deslocado inicialmente à esquerda se une à estrutura do sujeito na função de adjunto adnominal. Para essa análise Chomsky (1965) *apud* Pontes (1986, p.16) defende que “o tópico seria um constituinte de superfície e o sujeito um constituinte da estrutura básica, ou profunda.” Em outros termos, sentenças como 5 atestam que se trata de topicalização, já em 6, a expressão em destaque é o sujeito.

Assim, temos a construção em 5, uma sentença com a presença de tópico, em que se desloca um SN, à esquerda, é para interpretá-la deve-se considerar a orientação de uma teoria do discurso e/ou pragmática “porque (...) o ouvinte tem que usar seu conhecimento tanto de regras do discurso, quanto da situação em que fala”. (PONTES, 1986, p.16). Outro aspecto discutido por Pontes (1986) é que o sujeito nem sempre é o agente da ação verbal, ele pode ser o afetado. É o caso de construções com a presença dos pronomes reflexivos, como em:

7 “**João se machucou** nas pedras”. (PONTES, 1986, p. 21).

Observamos, nesse exemplo, que o sujeito da oração “João” não é agente, pois não realiza uma ação e sim sujeito afetado, o pronome reflexivo *se* assume o papel de referenciar o sujeito “João” que se machucou. Sobre o exemplo: 8 “João feriu-se nos espinhos”, a pesquisadora relata que o sujeito *João* não pode ser considerado o “agente”, já que não é responsável consciente pelos ferimentos. Percebe-se que “os espinhos” que foram os responsáveis por promoverem os ferimentos a “João”.

Nessa direção, Cegalla (1997, p. 220) esclarece que “na voz reflexiva o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente, faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Exemplo: 9 “O caçador **feriu-se**”. Vejamos, que em 9, Cegalla defende que o verbo reflexivo denota o agente a paciente simultâneos, sem levar em consideração a consciência ou a ação voluntária do agente. No entanto, Pontes contesta tal definição, pelo entendimento de que o agente é considerado um ser consciente, ou seja, dotado de entendimento acerca das suas práticas.

Em outra reflexão, Pontes (1986) nos faz entender que em determinados contextos o sujeito poderá ser considerado como aquele que pratica a ação ou que a sofre. No exemplo 10 “**O João arrancou um dente hoje**” (PONTES, 1986, p.24.), “João” poderá ser considerado um dentista que realizou ação de retirar um dente, nessa condição, é considerado “agente”, mas ao mesmo tempo a frase possibilita a seguinte interpretação: “João poderia ter comparecido ao dentista e se submeteu a um tratamento dentário”. Na mesma direção, a autora apresenta os seguintes exemplos:

11 “**João quebrou a perna**” (PONTES, 1986, p.19).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

12 “João quebrou o copo” (PONTES, 1986, p.19).

Para a autora, o substantivo “João” não é agente nas duas orações. Em 11, o verbo “quebrar” é transitivo direto e tem como complemento, objeto direto “a perna”, parte afetada do corpo de João, além do fato de que a construção em 10 com verbo transitivo direto e objeto direto, conforme orientação normativa, permite a transformação dessa estrutura para a voz passiva analítica. A esse respeito, Cegalla (1997, p. 219), no final da página, no item observação destaca: “só verbos transitivos podem ser usados na voz passiva. Se efetuarmos essa transformação em 11: “*A perna foi quebrada por João” (PONTES, 1986, p.19), é agramatical. Em contrapartida, em 12, temos o sujeito “João” é considerado agente, por ter praticado a ação de quebrar o copo. Com isso, é possível transpormos essa oração para a voz passiva analítica: “ O copo foi quebrado por João” (PONTES, 1986, p.19). Observamos que após a transposição o objeto direto “copo” passa a ser o sujeito paciente da oração, contribuindo mais uma vez na confirmação de que “João” é o “agente da oração”. A partir das contraposições e análises realizadas, percebemos que o conceito de sujeito não é sinônimo de agente da ação verbal, entender o papel e a função do sujeito da oração é procurar compreender a semântica empregada nos elementos formadores dessas construções oracionais.

No que se refere ao papel de sujeito agente, para Pontes (1986) o seu lugar é considerado pré- verbal. O agente para a pesquisadora encontra-se anteposto ao verbo. Para confirmar sua tese vejamos:

13 “ Maria queimou o feijão.” (PONTES, 1986, p. 28).

14 “*A ponte construiu.” (PONTES, 1986, p. 29)

Em 13, Maria é de fato o sujeito agente de “queimar” porque, conforme a autora, não há possibilidade de se interpretar de que Maria deixou alguém queimar o feijão. Além de que, devemos considerar que o verbo queimar, quando empregado transitivamente, seleciona traços de um sujeito mais agente, como em 13, ou como verbo intransitivo sem expressar o agente, como 15 **A panela** queimou. Já em 14, Pontes ensina-nos que o verbo *construir* não permite a construção intransitiva, alguém pode ou deve construir *a ponte*, havendo a necessidade de se especificar o agente. Ou ainda, admite -se construções como 16 “Construiu-se a ponte.” (PONTES, 1986, p.29), que na oralidade transforma-se em 17 “Construiu a ponte.” (Pontes, 1986, p.29).

Material e métodos

Essa pesquisa é do tipo bibliográfica exploratória, pois seu objetivo foi pautado em apresentar através de linguistas e gramático a concepção de sujeito, agente e construções de tópico, adotando como recursos obras de referência. Para execução deste trabalho, colocamos em discussão duas abordagens diferentes sobre a temática.

Resultados e discussão

A partir da exposição do assunto, percebemos que o conceito de sujeito sendo tratado a partir dos conceitos de agente, assim como de construções de tópico pode ser considerado abrangente, porque aparentemente ambos apresentam-se semelhantes, no entanto se diferem.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

As reflexões de Pontes e Cegalla (1997) sobre sujeito gramatical rumam em direções distintas, mas não são excludentes, pelo contrário, considerá-las torna-se necessário a qualquer estudioso da noção de sujeito. Neste sentido, interessa reconhecer as orientações teóricas que guiaram as diferentes abordagens, normativa e linguística, para proceder a um estudo mais atento e mais pertinente aos termos nominais que empregamos, à esquerda dos verbos, nas sentenças, ora para expressar o sujeito, ora para realçar um termo do discurso. Neste sentido, não basta considerar o sujeito como o ser que pratica ou sofre a ação expressa pelo verbo, ou ainda àquele de quem se diz algo, estas definições parecem não alcançar a real função que o termo sujeito desempenha nas sentenças da língua portuguesa.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por permitir a realização deste trabalho e por conduzir-me em todos os momentos de minha vida. Agradeço a minha orientadora Maria Cristina Ruas de Abreu Maia por todo o conhecimento e atenção destinada a esse trabalho.

Referências bibliográficas

PONTES. Eunice. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática; Brasília: INL, 1986.

CEGALLA. Domingos Paschoa. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1997.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965, apud PONTES 1986.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X